

A PRIMEIRA DESCRIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ALEMANHA: O  
*HEXAGLOTTON* (1762) DE IGNAZ WEITENAUER (1709-1783)<sup>1</sup>

THE FIRST PORTUGUESE LANGUAGE DESCRIPTION IN GERMANY:  
THE *HEXAGLOTTON* (1762) BY IGNAZ WEITENAUER (1709-1783)

Rolf Kemmler

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
kemmler@utad.pt

Sónia Coelho

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
ccoelho@utad.pt

Susana Fontes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
sfontes@utad.pt

RESUMO:

O presente artigo oferece uma introdução às “*Institutiones lusitanicæ*”, que constituem uma das seis partes da gramática poliglota *Hexaglotton alterum, docens linguas anglicam, germanicam, belgicam, latinam, lusitanicam, et syriacam, ut intra brevissimum tempus ope lexicæ libros explicare discas* (1762) do jesuíta alemão Ignaz Weitenauer. Na brevidade de umas 28 páginas, o pequeno tratado metalinguístico visa apresentar o português como língua estrangeira a um público germanófono, sendo, com efeito, a primeira obra metalinguística dedicada ao português dentro daquele espaço linguístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Historiografia linguística; Português como língua estrangeira; Ignaz Weitenauer; Companhia de Jesus; Língua portuguesa

---

1 O presente artigo baseia-se no texto alemão de Kemmler (2002). A presente tradução portuguesa encontra-se revista, melhorada e consideravelmente ampliada em relação ao texto original.

## ABSTRACT:

This paper offers an introduction to the “*Institutiones lusitanicæ*”, that are one of the six parts of the polyglot grammar *Hexaglotton alterum, docens linguas anglicam, germanicam, belgicam, latinam, lusitanicam, ut syriacam, ut intra brevissimum tempus ope lexicæ libros explicare discas* (1762), by the German Jesuit Ignaz Weitenauer. In the brevity of some 28 pages, this brief metalinguistic treaty aims to present the Portuguese as a foreign language to the German-speaking public, and, in effect, it is the first metalinguistic work dedicated to the portuguese language inside that linguistic area.

**KEY-WORDS:** Linguistic historiography; Portuguese as a foreign language; Ignaz Weitenauer; Society of Jesus; Portuguese language

## Introdução

No artigo resultante da comunicação apresentada na secção de linguística do Primeiro Congresso da Associação Alemã de Lusitanistas em Berlim (1995), o lusitanista alemão Michael Scotti-Rosin (1996a) examina de que modo já se pode falar dos inícios de uma ‘lusofilia’ e de uma ‘lusitanística’ alemãs no século XVIII.

Assim, logo a iniciar as suas considerações, Scotti-Rosin manifesta querer comprovar «[...] que nas últimas décadas do século XVIII e nas primeiras do século XIX efetivamente se pode falar de um maior interesse alemão em Portugal, na sua cultura e na sua língua [...]»,<sup>2</sup> pelo que os inícios da lusitanística germanófona não devem ser procurados no romanticismo alemão das primeiras décadas do século XIX, mas sim em tempos bastante anteriores.

A falta de manuais metalinguísticos adequados que tinham por fim a promoção da aprendizagem do português como língua estrangeira (PLE) para um público germanófono não podia deixar de ter efeitos constrangedores sobre os primeiros lusófilos, pois dificilmente podiam satisfazer a sua sede de bens culturais vindos de Portugal e das suas colónias. Parece, por isso, lógico relacionar a formação de uma lusitanística germanófona de cariz sistemático com o aparecimento de manuais metalinguísticos portugueses para germanófonos

---

2 Scotti-Rosin (1996a: 5; 1996b: 13): ««[...] daß in den letzten Jahrzehnten des 18. und in den ersten des 19. Jahrhunderts durchaus von einem größeren deutschen Interesse an Portugal, seiner Kultur und Sprache, gesprochen werden kann [...]». Todas as traduções do alemão para o português, colocadas dentro de parênteses retos, são da responsabilidade dos autores do presente artigo.

(Junk 1778, Meldola 1785, Wagener 1800/1802). Ao continuarmos na senda do raciocínio de Scotti-Rosin, parece-nos, no entanto, que o início da lusitanística em terras germanófonas não se deve restringir ao aparecimento dos manuais metalinguísticos em alemão, já que dezasseis anos antes da obra de Junk tinha surgido no mercado livreiro germanófono uma breve descrição da língua portuguesa, que se servia de outra metalinguagem de grande importância: o latim. Esta primeira descrição do português é constituída pela parte portuguesa do *Hexaglotton* (1762) de Ignaz Weitenauer (1709-1783), que apresentaremos em seguida como uma das obras de charneira entre os manuais metalinguísticos de português como língua estrangeira para germanófonos.

## 1. O autor e a sua obra

Nascido na cidade bávara de Ingolstadt (Alemanha) a 1 de novembro de 1709, Ignaz Weitenauer entrou na Companhia de Jesus no ano de 1724. Depois de se ter dedicado durante vários anos ao ensino dentro do sistema escolar da Companhia de Jesus, foi chamado para a cátedra de Filosofia e Línguas Orientais na Universidade de Innsbruck (Áustria), em 1753, onde permaneceu até à supressão da Companhia de Jesus pelo Papa Clemente XIV.<sup>3</sup> Em consequência da suspensão da sua ordem, Weitenauer optou por se recolher no mosteiro cisterciense de Salomonsweiler (hoje Salem), no Sul da Alemanha, onde veio a falecer a 4 de fevereiro de 1783.

Ao lado das suas obras literárias e não obstante a sua especialização na área da orientalística, Weitenauer chegou a publicar um conjunto de importantes obras de conteúdo exegético e filológico, entre as quais merecem destaque o *Lexicon Biblicum* (<sup>1</sup>1758), a tradução comentada da Bíblia para o alemão (*Biblia Sacra, oder Die heilige Schrift des Alten und Neuen Testaments*, 14 volumes, 1777-1781), e ainda um tratado metalinguístico sobre a língua alemã, intitulado *Zweifel von der deutschen Sprache* (<sup>1</sup>1764-<sup>5</sup>1778).

Seguidamente, dedicar-nos-emos à análise do manual poligloto do autor sob escopo que, na sua redação final, chegou a contemplar nada menos do que doze línguas europeias, constituindo ainda, como cremos, um marco importante para a lusitanística germanófona.

Como desenvolvimento do livro *Modus addiscendi intra brevissimum*

---

3 Para mais informações sobre a vida e as obras de Ignaz Weitenauer, cf. Reusch (1896), Backer / Backer / Sommervogel (1897, VIII: cols. 1051-1059), Jahreiβ (1990: 96-97) e Schmitt (1998).

*tempus linguas, gallicam, italicam, hispanicam, græcam, hebraicam et chaldaicam* (Weitenauer 1756) em que o autor oferece a essência das informações metalinguísticas sobre meia dúzia de línguas (três línguas modernas e três línguas clássicas ou bíblicas), o *Hexaglotton alterum, docens linguas anglicam, germanicam, belgicam, latinam, lusitanicam, et syriacam, ut intra brevissimum tempus ope lexicum libros explicare discas* (Weitenauer 1762b) não é outra coisa senão o segundo volume (publicado com título próprio) de um conjunto intitulado *Hexaglotton geminum, docens linguas, gallicam, italicam, hispanicam, graecam, hebraicam, chaldaicam, anglicam, germanicam, belgicam, latinam, lusitanicam, syriacam: ut intra brevissimum tempus ope lexicum omnia explicare discas* (Weitenauer 1762a). Tanto os dois volumes da primeira edição do *Hexaglotton*, como a segunda edição de 1776<sup>4</sup> foram impressos pelos irmãos Johann Ignaz Wagner e Anton Wagner, livreiros nas cidades de Augsburg e Freiburg im Breisgau (Gier / Janota 1997: 1281).

Voltando à edição de 1762, observamos que o *Hexaglotton geminum*, como primeiro volume (em fiel continuação aos conteúdos do *Modus addiscendi* de 1756), se dedica, ao longo das suas [II], 137 páginas, ao primeiro grupo de seis línguas, nomeadamente o francês, o italiano, o espanhol, o grego, o hebraico

---

4 A existência de outra edição datada de 1772 que costumava ser mencionada por alguns bibliógrafos (cf. Backer / Backer / Sommervogel 1897, VIII: col. 1055: «Augustæ Vindelicorum et Friburgi Brisgoiæ, Sumptibus Francisci Wagner, 1772, 4°, 2 vol., pp. 137 et 227»; cf. mais recentemente Pörnbacher 2011: 267) não pode ser comprovada por Jahreiß (1990: 98). Também nós não conseguimos encontrar qualquer vestígio desta edição. No atinente às edições de 1762 e 1776, Jahreiß (1990: 98) constata o seguinte: «Bei der Ausgabe a. 1776 wurde sogar das Titelblatt des zweiten Teils aus dem Jahr 1762 beibehalten [na edição do ano de 1776 até se manteve o rosto da segunda parte do ano de 1762]». Numa reavaliação do que se afirmara em Kemmler (2003: 258), julgamos lícito concluir que a coexistência, em todos os exemplares conhecidos, do *Hexaglotton geminum* com data de 1776 com o *Hexaglotton alterum* com data de 1762, dever-se-á provavelmente à encadernação em conjunto de exemplares pertencentes a diferentes edições, tendo, possivelmente, sido aproveitados restos da edição anterior. Uma vez que a primeira parte já havia sido publicada sob outro título duas décadas antes da última edição (o *Modus addiscendi*, Weitenauer 1756, que Kemmler 2003 desconhecia), a referência feita pelo próprio Weitenauer (1762b: [IV]) no paratexto sobre o número de edições parece trazer um novo sentido: «Lectoris benevolentia, qua Hexaglotti mei prioris editio prima & secunda excerpta est, ac jam pridem tertia flagitata, denique apud me effecit, ut istud quoque Hexaglotton Alterum committere praelo auderem». Julgamos que esta afirmação pode vir ao encontro de uma referência do bibliógrafo Baader (1824: 313), que refere para o «*Hexaglotton, seu Modus addiscendi*», publicado em Frankfurt, em 1756, uma «Nova editio. ibid. eod.». Perante as afirmações do autor e considerando a existência de várias edições desconhecidas (que podem ou não ter existido), não podemos oferecer nenhuma afirmação conclusiva sobre a questão das edições do conjunto do *Hexaglotton*.

e o caldaico (isto é, o aramaico). O *Hexaglotton alterum* é bastante mais volumoso e dedica-se, ao longo das suas [IV], 227 páginas, a outro grupo de seis línguas, nomeadamente ao inglês, ao alemão, ao belga (isto é, ao flamenga), ao latim, ao português e ao sírio. Assim, no total das doze línguas, encontramos sete línguas modernas, duas línguas clássicas e três línguas bíblicas, todas elas consideradas como as mais importantes línguas de comunicação do ocidente europeu da época.

Como manual didático poliglota, o *Hexaglotton* continua amplamente esquecido nos dias que correm, encontrando-se somente um número reduzido de obras que, na sua maioria, lhe tecem apenas breves observações.<sup>5</sup>

No âmbito do presente artigo, interessar-nos-á especialmente a parte portuguesa da obra, que apresentaremos a seguir, tomando em consideração a *Ars grammaticæ pro lingua lusitana addiscenda Latino idiomate proponitur* do jesuíta Bento Pereira (1605-1681), uma vez que justamente foi identificada como a primeira gramática do português como língua estrangeira, por Fernandes (2009).

## 2. As *Institutiones lusitanicæ*

Dentro do segundo tomo da sua obra, Weitenauer considera a língua portuguesa pelas mesmas razões que o fizera com a espanhola no primeiro tomo, ou seja, devido à origem latina que ambas as línguas partilham:

Germanicæ filiam addidi Belgicam, ut Latinæ Lusitanicam, & istam quidem iisdem rationibus ductus, quæ me ad Hispanicam in Hexaglotto primo docendum permoverunt (Weitenauer 1762b: [IV]).

No prefácio ao primeiro volume,<sup>6</sup> Ignaz Weitenauer expõe a razão para a inclusão da língua espanhola e das outras línguas românicas no seu conjunto de obras metalinguísticas: segundo ele, o grande interesse pela leitura de obras

5 Para além dos artigos de Alvar Ezquerria (1994) e Kemmler (2003), que parecem ser os únicos estudos de maior envergadura dedicados ao conjunto de gramáticas do *Hexaglotton*, veja-se, a título de exemplo, os artigos de Andrango Asmal / Gualotuña Hidalgo (2007: 21), Ponce de León Romeo (2008: 59-60), Sierra Soriano (2010: 223) e Gonçalves (2014: 304).

6 O mesmo paratexto já se encontra na edição anterior deste tomo dentro do *Modus Addiscendi* (Weitenauer 1756: [IV]).

escritas nestas línguas na época não podia ser satisfeito devido à dificuldade que constituía o acesso aos conhecimentos linguísticos necessários. No raciocínio do autor, seria esta a razão que o teria incentivado a oferecer algumas descrições sucintas das várias línguas, habilitando assim os leitores, em pouquíssimo tempo e sem necessidade de auxílio de professores, de competências para a leitura de obras naquelas línguas:

Multi sunt, qui etsi cum Gallis, Italis, Hispanis, sermonem conferre non cupiant, optimis tamen eorum libris uti vehementer desiderant. Ne vero iidem sive magistrorum voce, sive librorum grammaticorum præsidio juvari possint, alios magnitudo sumptuum, alios operis difficultas, plerosque temporis egestas prohibet & absterret. Horum ego honestissimæ utilissimæque cupiditati ut consulam, paucas has paginas offero, quæ, si Lexicon quodcunque bonum accesserit, spe citius voti sui compotes faciant. In græca primum lingua, tum hebraica, & chaldaica experimento capto, idem in italica, gallica, hispanicaque, eodem plurimum successu tentavi. Nulla harum fuit, in qua non intra alteram tertiamve horam, DEO dante, audientem eo perducerem, ut interpretari libros per se ipse, & ope Lexici explicare posset. Fuere, quibus & semihora sufficeret. Rem usque adeo commodam ut juris publici facerem, & hortati sunt multi, & boni communis amor persuasit. Tantam celeritatem professo, in Præfatione hærendum non est: unum addo, nisi te laboris pœniteat, amice Lector, fore, ut intra biduum sex harum linguarum omnium libris intellegendis idoneum te sine magistro efficias. Latinitatis filias, gallicam, italicam, atque hispanicam, priore hac parte complexus sum; altera græcæ, hebraicæ, chaldaicæque destinata. Vale & hoc temporis & impensæ compendio fruiere (Weitenauer 1762a: [IV]).

Uma vez que Weitenauer pretende facilitar a aprendizagem das línguas descritas com a maior brevidade, os conteúdos metalinguísticos são ordenados de forma idêntica para qualquer uma das doze línguas. Para além disso, o autor serve-se coerentemente do latim como metalinguagem ao longo da obra. Atenemos, então, como exemplo desta descrição metalinguística, nas «*Institutiones Lusitanicæ*», que perfazem um total de 28 páginas (Weitenauer 1762b: 174-202).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Para fins comparativos, convém notar que as «*Institutiones Hispanicæ*» somente ocupam 21 páginas em Weitenauer (1762a: 73-94).

## 2.1 A descrição da língua portuguesa no *Hexaglotton alterum*

A descrição da gramática portuguesa começa com o artigo definido que, de acordo com a gramática latino-portuguesa convencional da época,<sup>8</sup> é considerado dentro de um paradigma de cinco dos casos próprios do latim (Weitenauer 1762b: 174).<sup>9</sup> Não surpreende, portanto, que será somente perante a perspetiva comparativa com a gramática latina e não a sincronia da língua portuguesa de então que faz sentido o paradigma apresentado pelo gramático alemão, complementado pela seguinte explicação: «Articulus indefinitus Nominativo & Accusativo caret, in Genitivo & Ablativo habet *de*, in Dativo *a*.» (Weitenauer 1762b: 174).

No atinente às formas plurais dos substantivos, Weitenauer (1762b: 174) refere como norma o acréscimo de <-s> ou <-es> à respetiva forma simples. Assim, em *cidade* *urbs*, *ciudades* *urbes*; *Rey* *Rex*, *Reys* *Reges*. Ao lado desta regra geral simples, ainda são consideradas as palavras terminadas em <-m, -aõ, -al, -el, -il>, cujo plural termina em <-ns, -oës /-aõs, -æs, -eis, -is> (*homem*, *homo*; *homens*, *hómines*: *obrigaçã* *obligatio*; *obrigaçæns*, *obligationes*: *maõ*, *manus*; *maõs*, *manus*. *qual*, *qualis*; *quæ*s, *quales*; *admiravel*, *admirabilis*; *admiraveis*, *admirabiles*. *vil*, *vilis*; *viis*, *viles*: *util*, *utilis*; *uteis*, *utiles*).

Na diferenciação entre os adjetivos, Weitenauer (1762b: 174) constata brevemente que os que terminam em <-e, -l> seriam de género comum (isto é, por não terem desinência própria de qualquer género), ao passo que a todos os outros se deveria acrescentar <-a> no feminino:<sup>10</sup>

8 Veja-se a explicação de Bento Pereira (1672: 18), que faz questão de evitar o termo 'articulus' mas serve-se do termo 'particula' dentro da rubrica «Declinatio nominum apud Lusitanos»: *Nomina Lusitana quamvis in se ipsis nullam habeant diversitatem casuum [...] accipiunt tamen quandam veluti extrinsecam diversitatem casuum à particulis a., o, ao: as, os, aos: de, da, do, dos: & à propositionibus na, no, nas, nos: pera, em, com, sem, quæ regulariter ponuntur ante prædicta nomina, & absque ulla variatione intrinseca faciunt illa æquipollere nominibus Latinorum casus diversos per intrinsecam mutationem habentibus tam in numero singulari, quàm in numero plurali [...].* Adverte-se que uma tradução deste trecho por nós novamente transcrito pode ser encontrada em Fernandes (2009: 212).

9 Não deixa de ser notável que Weitenauer (1762b: 174) apresente as formas do dativo do artigo feminino com o acento grave (*à, às*), tal como o sistema ortográfico atual prescreve a grafia da contração do artigo com a preposição *a*.

10 Numa leitura algo diferente, Pereira (1672: 7) refere para o 'género comum' apenas os adjetivos terminados em <-e, -r> «Adjectiva nomina Lusitanorum quædam habent vnicam formam, quæ inservit omni generi, v. g. *grande, leve, breve, forte, mayor, menor*: *grandis levis, brevis, fortis, major, minor*. [...] Quædam alia adjectiva Lusitanorum habent duas formas: c. g. in his adjectivis, *fermoso e fermosa: alto e alta: pegueno e peguenta* [sic!]: *altissimo e altissima*».

4. Adjectiva in *e* & *l* sunt generis communis; cetera in feminino vel assumunt *a*, vel utinam suam literam in *a* mutant. *grande*, magnus, magna: *facil*, hic & hæc facilis: *Portuguez*, Lusitanicus; *Portugueza*, Lusitanica: *bom*, bonus; *boa*, bona: *Christaõ*, christianus; *christaã*, christiana; & inde contractum *christã*, unde pluralis *christãs* christianæ: sic *mao*, malus; *mà*, mala (Weitenauer 1762b: 174).

Já no que respeita aos graus dos adjetivos, estes não parecem nada problemáticos para o gramático alemão. Com efeito, Weitenauer apresenta o positivo, o comparativo e o superlativo analíticos, não esquecendo uma breve referência ao superlativo sintético herdado do latim.<sup>11</sup>

5. Comparativus sit, præponendo *mais*; superlativus, *mais* cum articulo definito. *alto*, altus; *mais alto*, altior; *o mais alto* altissimus. Fit etiam superlativus in *issimo*: *altissimo*, altissimus (Weitenauer 1762b: 174).

Tal como ainda hoje costumam ser consideradas na gramática portuguesa moderna, na conjugação verbal, Weitenauer reconhece as três conjugações, cujos infinitivos terminam em <-ar, -er, -ir>. Antes de começar a apresentar os paradigmas verbais, o autor tece um breve comentário sobre os verbos auxiliares *haver* e *ser*, constatando que *ter* muitas vezes se encontraria usado em vez de *haver* e *estar* em vez de *ser*.<sup>12</sup> Porém, afirma mais à frente que o uso de *ser* ou de *estar* e ainda de *ter* ou de *haver* não encerra qualquer diferença para a explicação e a compreensão de um texto:

---

11 Parece óbvio que as considerações bastante demoradas de Pereira (1672: 8-9) se devam à comparação com a gramática latina que lhe serviu como ponto de partida.

12 Cf. Weitenauer (1762b: S. 175): «Utuntur quidem sæpissime *Ter* pro *haver*; & *Estar* pro *ser*: sed hæc duo, brevitatis ergo, in Spicilegium rejeci». Na parte dicionarística do «Spicilegium», Weitenauer (1762b: 183, 187) refere algumas formas dos dois verbos auxiliares, sem, aliás, fornecer mais pormenores sobre o seu uso. Esta opinião sobre o uso (quase) indiferente dos verbos auxiliares parece-nos ir ao encontro do que afirma Pereira (1672: 59-60): «NON solum illud veluti geminum verbum *Sou*, *ou Estou* est generale ex eo quòd (ut diximus) alterum comitetur omnes modos & tempora verborum passivorum, & alterum omnes modos & tempora verborum activorum: etiam verba *Ey*, *has*, *ha*. *Tenho*, *tens*, *tem* sunt generalia: nam primum vendicat proprietatem valde extraordinariam, scilicet quod comitatur, vel comitari potest omnia verba in omnibus modis, ac temporibus, non solum in activa, sed etiam in passiva, ut constabit ex apponendis; secundum comitatur in activa omnia verba, sed non in omnibus temporibus, ut statim patebit».



11. Si qua Verba occurrant, quibus in conjugando Verbum *Ser* aut *Estar* loco auxiliaris *Haver* vel *Ter* serviat, id in explicando mutationem nullum inducit (Weitenauer 1762b: 178).<sup>13</sup>

Apesar deste aparente ecletismo, Weitenauer prevê um uso exclusivo do verbo *haver* na construção perifrástica ‘*haver + de + infinitivo*’ com o significado de uma obrigação futura:<sup>14</sup>

16. Verbum *haver* cum Infinitivo, intercedente particula *de*, nostro Futuro respondet. *haveis de responder*, respondebitis, vel per Verbum *debeo*: debetis respondere (Weitenauer 1762b: 178).

Para a conjugação de *haver*, o autor determina logo no princípio que, tanto nos verbos como nos substantivos ou noutras palavras, em vez de <-aõ> ou <-ão>, o ditongo nasal pode frequentemente ser representado por <-am>.<sup>15</sup> Assim, Weitenauer (1762b: 175) conjuga as pessoas gramaticais «Ego. Tu. Ille. Nos. Vos. Illi», testemunhando conhecimento dos tempos e modos verbais que identifica da seguinte maneira:<sup>16</sup> Indicat. (Præs., Imperfect., Præt. simplex, Præt.

13 Neste contexto, não fica completamente claro se Weitenauer prevê com esta observação uma permutabilidade dos verbos auxiliares *ser* ~ *estar* e ainda de *ter* ~ *haver* como duas variantes do mesmo verbo, como, segundo Schäfer-Prieß (2000: 198), o fazem Pereira (1672: 59-60) e Argote (125: 63).

14 Parece, no entanto, que o verbo *haver* nestas construções ainda cumpre, pelo menos em parte, as funções que no português moderno são exercidas em grande medida pelas construções com ‘*ter de / ter que + infinitivo*’ – ao passo que o uso da conjugação perifrástica de ‘*hei de + infinitivo*’ é mais limitado a certas circunstâncias. Cf. também as afirmações e os exemplos de Pereira (1672: 68-69) sobre o mesmo assunto: «Omnis modis, temporibus ac personis hujus verbi utimur passim, jungentes illi particulam *de* cum præsenti vel imperfecto cujuslibet verbi activi in infinitivo, & etiam verbi substantivi *sou, ou estou*: v. g. *Ey de ser, ey de amar, ey de ler*, &c. *avia de ser, avia de amar, avia de ler. Ouve de ser, ouve de amar, ouve de ler*. Et idem in reliquis Personis, v. g. *hàs, hà, avemos, aveys, ham: avias, avia, aviamos, avieys, aviam: ouve, ouvemos, ouvestes, ouveram de ser, de amar, de ler* &c &c in his, ac similibus loquendi modis habent locum tertiæ personæ pluralis dicti verbi [...].»

15 Cf. Weitenauer (1762b: 175): «Tam in Verbis, quam in Nominibus, & aliis vocabulis, pro *aõ* vel *ão* sæpissime scribitur *am*». Nesta questão, Weitenauer não parece diferenciar as grafias divergentes, embora <-aõ> se encontre mais frequentemente do que a grafia <-ão>, que hoje é mais frequente.

16 Por ficar evidente que Weitenauer estava a tentar descrever a língua portuguesa do seu tempo com os elementos da descrição metalinguística próprios da gramática clássica latina, faremos a seguir referência à terminologia apresentada pelo nosso autor.

compos., Plusquamp., Futur.), Imperativus, Conj. (Præs., Imperf. I, Imperf. II, Præter., Plusquamp., Aoristus, Futur.), Infinit. Præs., Infinit. Præter., Partic. Præs., Partic. Præter, Supinum.

Deixando de lado divergências na grafia de algumas formas verbais de *haver* que nos parecem estar de acordo com a praxe contemporânea, são sobretudo as formas sintéticas que chamam a nossa atenção. Observa-se que, em todos estes casos, o verbo *haver* serve como verbo auxiliar nas formas e nos tempos correspondentes (Indicat. Præs. *hey* com o Præt. compos. *hey avido*), usando-se como forma participial de *haver* o chamado ‘Supinum’ *avido*. Por ser manifesto que *haver* já estava em vias de perder a natureza como verbo auxiliar do Pretérito perfeito composto do indicativo (o Praet. compos. de Weitenauer)<sup>17</sup>, o facto de ele não oferecer qualquer explicação a seguir faz com que não disponhamos de elementos que nos permitam tirar conclusões sobre a fonte que poderá ter levado o jesuíta bávaro a pronunciar-se desta maneira sobre um tópico bastante específico do português do século XVIII.

No que respeita ao imperativo, Weitenauer parece ter partido de um pressuposto errado, uma vez que a forma *hayamos* do plural parece ser um reflexo da forma espanhola *ayamos* (Weitenauer 1762a: 74), quando Pereira (1672: 61) apresenta a forma mais correta *Ajamos*.

Parece evidente que as formas sintéticas do Pretérito mais que perfeito e o Futuro do conjuntivo criam alguma dificuldade para o nosso autor, pelo que reúne os dois tempos dentro de um tempo que identifica como ‘Aoristus’, um ‘aoristo português’, cf. Weitenauer (1762b: 175) *houvera, houveras (eres) houvera, houveramos, houverdes (ereis), houvèraõ (erem)* e Weitenauer (1762b: 176) *fora, foras (fores) fora: foramos, fordes (foreis) foraõ (forem.)*. Também na continuação das suas explicações, o autor não logra oferecer uma diferenciação satisfatória dos dois tempos:

---

17 Note-se, no entanto, que Pereira (1672: 67-68) declara-se contra o uso de *haver* como verbo auxiliar nas construções em questão, pois chega inclusive a servir-se da comparação com a língua castelhana para rejeitar limiamente a construção de ‘*haver* + participio’, que mais tarde viria a ser proposta por Weitenauer, como acabamos de ver: «Observandum est i. linguas alias vulgares, qualis est Castellana, Itala, Gallica, & similes supplere nostra idiomata, vulgò *linguagens* correspondentia, Latinis Amavi, legi, audivi: amaveram, legeram audiveram, verbo auxiliari quod correspndet nostro *Ey, has, ha, v. g. Castellana e, as, à amado, lido, oido*, similiter aliæ: quod nos facimus nostro verbo *tenho* & non verbo *Ey* quia non dicimus *Ey amado*, sed dicimus *tenho amado*».

12. Terminationes *aremos, eremos, iremos*, passim in *armos, ermos, irmos*, contrahuntur. *lançarmos*, jaciemus, jecerimus: *dissermos*, dicemus, diceremus: *distinguirmos*, distinxerimus. Sic etiam *formos* essemus, fueramus, pro *foramos*.

13. *A & e* finalia Verborum persæpe abscinduntur. *ajudar*, adjuverit; *notar*, observavero; *fizer*, faceret, *extinguir*, extingueret; *for*, foret, fuero, fuerit; pro *ajudâra, notâra, fizera, extingûira, fora* (Weitenauer 1762b: 178).

Sem chegar a definir a função das referidas formas verbais, Weitenauer introduz o infinitivo pessoal fora dos paradigmas apresentados. Mas permanece a questão se a coincidência das formas regulares nestes dois tempos o poderá ter levado, neste âmbito, a confundir formas do infinitivo pessoal com o Futuro do conjuntivo:

15. Infinitivi *arem, erem, irem*, cum intellegitur persona secunda, in *ares, eres, ires* mutantur. *com dares*, dando, dante te, dantibus vobis (Weitenauer 1762b: 178)

Para além disso, este tipo de irregularidade não pode ser constatado nos paradigmas de *ser*; nem nas três conjugações em <-ar, -er, -ir>. Na «Tabella III Conjugationum», Weitenauer (1762b: 176-177) contrasta as desinências dos diferentes tempos e modos das três conjugações para garantir a desejada comparabilidade.

Um dos traços mais característicos da língua portuguesa (e espanhola, como observa nesta ocasião) merece bastante atenção do nosso gramático. Trata-se, na maioria dos casos, da colocação dos pronomes átonos junto à forma finita do verbo e das contrações resultantes do encontro de diversos elementos, aos quais o autor acrescenta uma breve explicação com a correspondente palavra latina.

17. Innumera occurrunt Pronomina Verborum fini affixa, more italico & hispanico. *derrubouo*, dejecit eum; *fezlhe*, fecit illi; *daime*, date mihi; *dispondoo*, disponendo id; ex *derrubou & o, fez & lhe, dai & me, dispondo & o*. Frequenter euphoniæ gratia detrahitur aut interponitur litera aliqua. *ouçamola*, audiamus illam, ex *ouçamos & a; levalas*, ferre illas, ex *levar & as; dala & dalla*, dare illam, ex *dar & a; achastelas*, invenistis illas, ex *achastes & as; sabemno*, sciunt id, ex *sabem & o; depois de considerarmos*, postquam nos considera-

verimus, ex Infinito *considerarem*, & nos mutilato;<sup>18</sup> *darvolo*, dare vobis illud, ex *dar*, *vos*, & *o*: quemadmodum & seorsum absque Verbo *volo* & *nolo* legitur, pro *vos o*, vobis id, & *nos o*, nobis id, vel eum. Imo constanter etiam cum Verbo pronomen & auxiliare. *darteey*, dabo tibi, ex *dar*, *te*, & *hey*, *abriloshaō*, aperient eos, ex *abrir*, *os*, & *haō*; *perguntarmeheys*, interrogabitis me, ex *perguntar*, *me* & *haveys*, in *heys* contracto (Weitenauer 1762b: 178-179).

Também a utilização de vários pronomes para fins enfáticos bem como o uso do acusativo preposicional<sup>19</sup> merecem a especial atenção do gramático:

18. Pronomina emphasis caussa geminant. *a mi e parece*, mihi videtur. *venceo se a si mesmo*, superavit se ipsum.

19. Particulæ *a*, *ao*, *aos*, *à*, *às*, nominibus præpositæ, non solum Dativum, sed persæpe etiam Accusativum indicant. *querer só a Deus*, solum DEUM desiderare: *considero ao filho*, considero filium (Weitenauer 1762b: 179).

Na representação das contrações das preposições *de*, *em* e *por* com os pronomes (*delle*, *daquella*, *disto*, *doutro*, *pello*, *no*, *nestoutro*, etc.), Weitenauer dedica-se demoradamente aos resultados das mesmas. É, no entanto, de observar que não menciona a contração de *a* com *aquelle*, *aquella*, etc.<sup>20</sup>

No âmbito de uma crítica ao sistema (orto)gráfico do português da época, Weitenauer (1762b: 178-180) observa que um número considerável de letras apresenta alternativas gráficas:

Grafema	Exemplo
<ai ~æ>	<i>estæs</i> pro <i>estais</i> , <i>estis</i> , <i>statis</i>
<g ~j>	<i>sugeitar</i> & <i>sujeitar</i> , <i>subjicere</i>
<h ~ø>	<i>haver</i> ; <i>houvera</i> , <i>houvesse</i> , vel <i>ouvera</i> , <i>ouvesse</i>

18 Parece-nos evidente que a forma *considerarmos* se deve tratar de uma primeira pessoa do plural do infinitivo pessoal (Martins 1982: 285).

19 Cf. Leal (1992). Para uma abordagem mais recente da história do acusativo preposicional no português, veja-se o artigo de Schäfer-Prieß (2003), bem como, de ponto de vista comparativo, Schäfer-Prieß / Schöntag (2012: 149-151).

20 Julgamos que a omissão de *àquele*, *àquela*, que resultam da referida contração, poderá ser explicada pelo facto de estas formas não serem reconhecíveis numa obra sem acentuação gráfica regular.

Grafema	Exemplo
<i ~ y>	<i>tratai &amp; tratay, tractare</i>
<t ~ tt>	<i>tratar &amp; trattar, tractare</i>
<z ~ s>	<i>puzeraõ &amp; puseraõ, posuerunt</i>

No mesmo contexto, Weitenauer (1762b: 180) apresenta os fenómenos sincrónicos da metafonia de <i ~ e, o ~ u>, bem como o uso divergente dos grafemas <c ~ qu ~ ç, g ~ gu> em várias formas verbais, mas prescinde de tentar oferecer uma sistematização:

Grafema	Exemplo
<i ~ e>	<i>sinto, sentio; a sentir</i>
<o ~ u>	<i>durma, dormiam, dormiat; a dormir</i> <i>foge, fugit; a fugir</i>
<c ~ qu ~ ç>	<i>fique, maneam, maneat; a ficar</i> <i>creçaõ, crescant; a crecer seu crescer</i>
<g ~ gu>	<i>préguei, concionatus sum; a prégar</i> <i>sigãõ, sequantur; a seguir</i>

A seguinte observação sobre o desaparecimento dos grafemas <-e-, -i-> átonos (ou mesmo tónicos, como em *espírito*) parece algo curiosa, pois acaba por circunscrever o fenómeno ao âmbito da poesia:

24. Alicubi, præsertim in carmine, *e* vel *i* supprimitur. *experimentou*, expertus est; ab *experimentar*: *espírito*, spiritus; pro *espírito*: *perca*, pereat, perdat; a *perecer* (Weitenauer 1762b: 180).

Deixando de lado a possibilidade de os poetas se servirem de uma elisão da vogal átona (ou tónica) para fins poéticos, pode constatar-se que formas sinopadas como *experimentar* e *espírito* são documentadas como formas populares desde a Idade Média até à modernidade.<sup>21</sup> No que respeita, porém, a *perca* como forma verbal de *perecer*, parece-nos evidente que Weitenauer se enganou – um erro, aliás, que o autor passa a relativizar de imediato na parte lexicográfica:

21 Machado (1995: 517 e 467). Veja-se também «*Sprito*, spiritus. pœticum, pro *espírito*» em Weitenauer (1762b: 187).

*Perca, as, a, &c. perdam, peream, as, at, &c. a perecer & perder* (§ 24.) (Weitenauer 1762b: 185)

Em conclusão às suas observações sobre a língua portuguesa, Weitenauer aproveita para dar uma dica sobre a utilização da parte lexicográfica<sup>22</sup>, apresentando algumas das mudanças fonológicas mais características que o português sofreu em relação ao latim, tais como a síncope das consoantes latinas intervocálicas <-l-, -n->, assim como a síncope / sonorização de consoantes mediais:

26. *Parcere labori, & fine Lexici ope intelligere vocabula bene multa poteris, si memineris, Lusitanos solere quasdam latinorum literas omittere, maxime n & l, quorum posterius etiam in r mutare gaudent. grao, gradus: meyo, medium: raizes, radices, vaidade, vanitas: lua, luna: veo, velum: ceo cælum: cor, color: dor, dolor: vontade, voluntas. dobrar, duplicare: prazer, voluptas, cumprir, complere, suprir, supplere: noble, nobilis: obrigar, obligare* (Weitenauer 1762b: 180).

## 2.2 A parte lexicográfica do *Spicilegium*

O breve dicionário intitulado «*Spicilegium eorum, quæ in lexicis reperiri non solent, additis etiam ob maiorem discentium commoditatem particulis usitatissimis, & omissis vicissim anomalis raro admodum ocurrentibus*» constitui uma ‘colheita lexicográfica’<sup>23</sup> de 394 entradas, que ocupam 8 1/2 páginas. É de observar, desde logo, que encontramos dentro destas entradas um número considerável de repetições alfabeticamente ordenadas, que na lexicografia seriam consideradas como pertencendo ao mesmo lexema. Sirvam como exemplo as onze entradas relacionadas com o verbo *dizer* (Weitenauer 1762b: 182-183):

*Diga, as, a, &c. dicam, as, at, &c. a dizer: digai, dicite. ab eodem.*  
*Digo, dico. a dizer.*  
*Direi, ràs, rà, &c. dicam, es, et, &c. a dizer.*

22 Weitenauer (1762b: 180) aconselha o seguinte: «25. Si Compositum non invenias, quære Simplex: quod ut expeditius cognosci possit, Catalogum particularum, a quibus inchoantur Lusitanorum Composita, Spicilegio meu subjugam», o que quer dizer que propõe que o leitor deverá pesquisar as formas simples e não as compostas.

23 Veja-se a definição do termo no *Dictionarium Latinolusitanicum & vice versa Lusitanico latinum* de Jerónimo Cardoso (fol. 232 r): «*Spicilegium, ij. A colheita das espigas*».

*Diria, as, a, &c. dicerem, es, et, &c. ab eodem.*  
*Dirmeheys, dicetis mihi. dirvoshad, dicent vobis. ex. dir seu dizer,*  
 pronomine, & auxiliari. (§ 17.)  
*Disse, disseste, disse: dissemos, dissestes, disseraõ; dixi, dixisti,*  
 dixit: diximus, &c. a *dizer*.  
*Dissera, ras, ra, &c. Aoristus ab eodem.*  
*Dissesse, sses, sse, &c. dicerem, es, et, &c. ab eodem.*  
*Dito, ditto, Sup. a dizer, dicere.*  
*Dixe, xeste, xe, &c. dixi, isti, it, &c. ab eodem.*<sup>24</sup>  
*Diz, dicit. ab eodem.*

Já que Weitenauer reivindica que as palavras apresentadas dentro da sua seleção não costumam encontrar-se nos dicionários, cremos ser pertinente uma vista de olhos aos equivalentes latinos de uma seleção de entradas numa das obras congêneres mais divulgadas no tempo, o *Thesouro da lingua portugueza*, que faz parte da nona edição da *Prosodia* do seu correligionário português Bento Pereira:

Entrada	Weitenauer (1762b)	Pereira (1723)
<i>Abaixo,</i>	sub.	Infra Præp.
<i>Alem,</i>	ultra.	**)
<i>Antehontem,</i>	nudius tertius.	*)
<i>Apenas,</i>	vix.	Vix. ægre Difficile. Dificulter.
<i>Aquem,</i>	citra.	Cis. Citra.
<i>Atravez,</i>	transverse.	Ex obliquo. E transverso.
<i>Atraz,</i>	post, retro.	Retro.
<i>Avante,</i>	ulterius, porro.	Ultra.
<i>Bem,</i>	bene.	Bene. probe. Belle. Recte. Egregie.
<i>Como,</i>	sicut, quomodo.	Ut Quemadmodum.
<i>Dantes,</i>	antea.	Ante. Prius.
<i>Demais,</i>	reliquum, cetera.	**)
<i>Dentro,</i>	intus; intro.	Intra. Intus.
<i>Depressa,</i>	celeriter.	Actutum Ocyus. Dicto citius.

<sup>24</sup> Também aqui, Weitenauer parece ter-se deixado orientar pelo espanhol. Dentro das cinco entradas relacionadas com *decir* no primeiro tomo do *Hexaglotton*, também se encontram as grafias históricas espanhola com <-x->, cf. Weitenauer (1762a: 80): «*Dixe, dixiste, dixo, diximos, dixistes, dixeron. dixi, dixisti & c. ab eod*».

<b>Entrada</b>	<b>Weitenauer (1762b)</b>	<b>Pereira (1723)</b>
<i>Donde,</i>	unde; ubi.	*)
<i>ElRey,</i>	Rex. more hispanico, pro <i>o Rey.</i>	Rex, regis.
<i>Embora,</i>	pace mea, pace nostra; immerhin	Pede fausto. Eelicibus auspiciis.
<i>Entaõ,</i>	tunc	<i>Entam.</i> Tunc.
<i>Estoutro,</i>	ille alter.	<i>ou estoutra.</i> Hic, Hæc. Hoc.
<i>Graõ seu gram,</i>	pro <i>grande,</i> magnus.	Vide <i>Grande.</i>
<i>Hoje,</i>	hodie	Hodie.
<i>Hontem,</i>	heri	Heri. Hesterna die.
<i>Imigo,</i>	inimicus, pœtice pro <i>inimigo</i>	Hostis, is. Inimicus, i.
<i>Inda,</i>	etiam, adeo, adhuc.	**)
<i>Ja,</i>	jam.	Jam.
<i>Jamais,</i>	nunquam, non ultra.	Nunquam. Posthac.
<i>Junto,</i>	prope.	Prope. Ad Apud. Juxta.
<i>Mafamede, Mafoma, Mahometes,</i>	Turcarum conditor; rectius Muhammed.	*)
<i>Mais,</i>	magis, plus. <i>o mais,</i> reliquum cetera. <i>por mais que,</i> quantumvis.	Plus. Magis. Mage.
<i>Manhaã. a manhaã,</i>	cras.	Mane. Matutinum tempus.
<i>Mor,</i>	major.	Maior & majus.
<i>Mui,</i>	admodum.	<i>Mui, ou muito.</i> Valde. Multum. Nimis.
<i>Muito,</i>	multum. <i>que muito, que ...? quid mirum, quod ...?</i>	Multum. Oppido. Valde.
<i>Nada,</i>	nihil.	Nil. Nihil. Nihilum, i.
<i>Nem,</i>	neque,	Neque, Nec.
<i>Nunca,</i>	nunquam.	Nunquam. Nullo tempore.
<i>Ora,</i>	jam.	*)
<i>Paraque,</i>	ut.	Ad quid. Cur. Quare.
<i>Pois,</i>	quia; itaque.	Ergo.
<i>Por,</i>	per, pro, propter.	Pro.
<i>Porque,</i>	quare; quia.	Cur? Quare? Enim. Siquidem. Quippe.



<b>Entrada</b>	<b>Weitenauer (1762b)</b>	<b>Pereira (1723)</b>
<i>Posto que,</i>	etsi.	Etiamsi. Tametsi.
<i>Pouco,</i>	parum.	Parum. Paulum.
<i>Quamanho,</i>	quantus.	*)
<i>Quem,</i>	qui, quis.	<i>Quis, vel qui.</i>
<i>Quiça,</i>	fortasse	<i>Quiçã.</i> Fortasse. Forsan. Forte.
<i>Sem,</i>	sine.	<i>Absque. Sine.</i>
<i>Sómente,</i>	solum.	<i>Solum. Duntaxat. Tantum.</i>
<i>Tam seu tão,</i>	tam.	<i>Adeo.</i>
<i>Tambem,</i>	etiam.	<i>Etiam Quoque.</i>
<i>Todavia,</i>	nihilominus, tamen.	<i>At. Etenim. Atqui. Nihilominus.</i>
<i>Todo,</i> <sup>25</sup>	totus, omnis. Post se habet articulum definitum: <i>toda a Corte</i> , tota Regia: todas as gentes, <i>omnes populi.</i>	Omnis, & ne. Totus, a, um. Cunctus, a, um.

\*) não existe nenhum lema próprio

\*\*) Somente existem lemas nos quais esta palavra faz parte da entrada

Na comparação das entradas em ambos os textos lexicográficos, nos quais deixámos de lado os nomes próprios e as repetições de formas verbais, torna-se evidente que a maioria das definições apresentadas por Weitenauer já se encontra na parte latino-portuguesa da *Prosodia* do borbense (isto é, na parte do *Thesouro*). Se bem que as definições latinas de Pereira (1723) sejam consideravelmente mais abundantes do que as do seu correligionário alemão, parece-nos lícito concluir que Weitenauer se possa ter servido do conjunto dicionarístico de Pereira para o seu ‘Spicilegium’.

Fica, no entanto, manifesto que Weitenauer deverá ter aproveitado conhecimentos próprios, como vemos especialmente nos lexemas *ElRey* (Weitenauer 1762b: 183) e *Mafamede* (Weitenauer 1762b: 184). Tudo isto leva-nos a constatar que o ‘Spicilegium’ poderá ser encarado como uma revisão de uma seleção bastante reduzida dos conteúdos do *Thesouro* português-latino de Bento Pereira.

A parte dicionarística das «Institutiones Lusitanicae» termina com o «Catalogus Particularum, termina quae Verbis compositis praefiguntur». Trata-se

25 Na verdade, Weitenauer (1762b: 188) oferece a forma portuguesa *Tedo*. Devido, porém, à definição da palavra e à ordenação alfabética (entre *Todavia* e *Traga*) parece-nos evidente que somente se pode tratar de um erro tipográfico.

de uma listagem não comentada de infinitivos de verbos compostos ao longo de uma página e meia. Bastem os seguintes exemplos: *A – guardar*, expectare; *Cor – romper*, corrumpere. *D – escrever*, describere (Weitenauer 1762b: 189).

### 2.3 As *Exercitationes*

Depois de lançar as bases para uma compreensão da língua portuguesa, Weitenauer preocupa-se em exemplificar a aplicação destes conhecimentos com base em excertos de textos literários. No primeiro texto intitulado «*Exercitatio, ipso facto demonstrans, posse ex paucissimis his, quæ præmisi, obviam quamque libri lusitanici partem, ope Lexici recte explicari*», o nosso autor oferece quatro extratos do famoso «*Sermam de S. Antonio: Pregado na Cidade de S. Luis do Maranhão, anno de 1654*» do jesuíta António Vieira (1608-1697), modernamente conhecido como *Sermão de Santo António aos Peixes*. Trata-se de excertos do início do quarto capítulo (§. 4.) de Vieira (1682: 325-326), a partir dos quais Weitenauer traduz as palavras portuguesas para o latim, chegando até a oferecer duas equivalências alemãs.<sup>26</sup> O comentário das 318 palavras portuguesas numeradas<sup>27</sup> surge resumido por Weitenauer no fim dos comentários a cada um dos excertos, o que efetivamente cria uma tradução latina dos mesmos.<sup>28</sup>

---

26 De facto, só de encontram duas traduções alemãs. O trecho «*entrar*<sup>161</sup> & *sair*<sup>162</sup> *sem*<sup>163</sup> *quietação*<sup>164</sup>, *nem*<sup>165</sup> *socego*<sup>166</sup>?» de (Weitenauer 1762b: 192; cf. Vieira 1682: 325) é comentado e traduzido da seguinte maneira: «161-166) DD. intrare & exire ine quiete ac remissione. Omnes hi Infinitivi per modum Substantivorum ponuntur, ut in germanico: ihr Gehn und Laufen, ihr Auf- und Absteigen [o seu andar e correr, o seu subir e descer]» (Weitenauer 1762b: 193). O particípio «*comido*<sup>254</sup>» (Weitenauer 1762b: 194; Vieira 1682: 326) comenta-se e traduz-se como se segue: «254) *ido* (§ 9) Supinum. *devoravit*, hat verzehret [devorou]» (Weitenauer 1762b: 195).

27 Nesta numeração do autor não entram repetições de palavras dentro da mesma frase.

28 Por razões de espaço, prescindimos de uma comparação mais detalhada entre os textos português e latino. Para documentar a independência do autor jesuíta em relação à edição contemporânea, baste referir, a título de exemplo, a primeira frase comentada de Vieira (1682, II: 325): «A primeyra cousa, que me desedifica, peyxes, de vòs, he que vos comeis huns aos outros». Com base nos resultados dos seus comentários, Weitenauer (1762b: 191) estabelece a seguinte tradução bastante literal: «Collige sententiam: *Res prima, quæ me in vobis offendit, o pisces, ea est, quod vestrum alii alios devorant, seu quod vos ipsi alios alii devoratis*». A tradução latina dos *Sermoens* de Colónia – publicada pela primeira vez pelo editor Hermann Demen (1636-1710), em Colónia, em 1692, debaixo do título *Admodum reverendi patris Antonii Vieira, [...] Sermones selectissimi* – oferece uma lição bastante divergente da de Weitenauer: «Primum quod in vobis me non ædificat, est quod alterutrum vos devoretis» (Vieira 1707, II: 195).

O segundo exemplo, a *Exercitatio altera poetica*, constitui um extrato d’*Os Lusíadas* de Luís de Camões (1524-1580). Trata-se das estâncias 41 a 44 do canto V (173 palavras), ou seja, da cena no Cabo da Boa Esperança, quando o gigante Adamastor se dirige aos viajantes. Também aqui Weitenauer procede segundo o costumado, descrevendo as palavras numeradas, para depois as resumir numa tradução literal em latim.

#### 2.4 A pronúncia do português segundo Ignaz Weitenauer

No fim da sua introdução à língua portuguesa, Ignaz Weitenauer oferece um apêndice com uma breve visão global sobre o inventário grafemático e a correspondente pronúncia do português, exemplificando a mesma através de um exemplo literário (Weitenauer 1762b: 200-202):

##### APPENDIX De Pronunciatione Linguæ Lusitanicæ.

1. Syllaba *ão* seu *aõ* pronunciatur ut *au*, vel potius ut *aun* litera ultima liquescente. Felium voci proxime respondet. In quibusdam Sueviæ partibus hoc sono plebs utitur, cum dicit Maun & Gaun, pre Mond & gehn. Indicabo per *au cursivum*. *naõ*, non; *nau*.
2. Diphthongus *au* more latino, per unam syllabam, sono indiviso. *frauta*, fistula; ut latinum *cauta*.
3. *B* non cum Hispanis ut *v*, sed servato proprio *b* latini sono. *buscar*, quærere; non *vuscar*; ut in hispanico, sed simpliciter *buscar*, ut apud Latinos *musca*.
4. Litera *ç* ut *s* nonnihil durum. *forçar*, cogere; forsar.
5. *Ce*, *Ci*, ut *se*, *si*. *carecer*; carere; *caeser*: *citar*, citare; *sitar*.
6. *Che*, *chi*, ut *ke*, *ki*, *encher*, implere, *enker*.
7. *Ei* præcedente consonante, ut latinum *ei* in una syllaba; sed præcedente vocali, per duas syllabas. *Pereira*, ut apud Latinos, tribus syllabis: at *Vieira* seu *Vieyra* tanquam *Vieira* quatuor syllabis.
8. *Eu*, non est diphthongus, sed in duas syllabas dividitur. *Abreu*, abré-u: *eu*, ego; é-u.
9. *Ge*, *gi*, ut *sche*, *schi*. *eleger*, eligere; *elescher*: *vigiar*, vigilare; *vischiar*.
10. *H* leniter aspiratur.
11. Consonans *j* ante *e* & *i*, ut *sch. hoje*, hodie; *hosche*.
12. *Lh* ut hispanicum *ll*, italicum *gl*, & Gallorum *l* humidum (mouillé) videlicet ut *g* blæsum ante *l*, & post illud *j* consonans audiatur. Indicabo per *gl cursivum*. *colher*, collidere; *cogler*.

13. *Nh* ut hispanicum *n* con tilde seu *gn* gallicum aut italicum; nimirum ut *g* blæsum ante *n* & post illud *j* consonans audiatur. Indicabo per *gn cursivum*. *caminhar*, ire; *camignar*.
14. *Oês* seu *ões* ut ois. *nações*, nationes; *nasóis*, per duas tantum syllabas.
15. *Ou* in una syllaba, sono individuo. *dourar*, inaurare; *dou-rar*,
16. Consonans *v* lenius quam *f*, ut in gallico, italico, hispanico.
17. *X* ut *sch*. *deixar*, relinquere; *deischar*.
18. *Z* ut *s* lene. *fez*, fecit; *fes*.

### EXEMPLUM

ex Elegia III L. Camosii.

*O Sulmonense Ovidio desterrado*  
O Sulmonense Ovidio desterrado  
*Na aspreza do Ponto imaginando*  
Na asperesa do Ponto imaschinando  
*Verse de seus parentes apartado;*  
Verse de seus (per unam syllabam) parentes apartado;  
*Sua cara molher desemparando,*  
Sua (dissyllabum) cara molher desemparando,  
*Seus doces filhos, seu contentamento;*  
Seus (monosyll.) doses figlos, seu (monosyll.) contentamento;  
*De sua patria os olhos apartado;*  
De su-a patria os oglos apartado;  
*Naõ podendo encubrir o sentimento,*  
Nau podendo encubrir o sentimento,  
*Aos montes, & às aguas se queixava*  
Aos (monosyll.) montes, & as aguas se queischava  
*De seu escuro & triste nascimento.*  
De seu (monosyll.) escuro & triste nassimento.  
*O curso das estrellas contemplava,*  
O curso das estrellas contemplava,  
*E como por sua ordem discurria*  
E como por su-a ordem discurria  
*O ceo, o ar, & a terra adonde estava.*  
O seo, o ar, & a terra adonde estava  
*Os peixes pelo mar nadando via,*  
Os peisches pelo mar nadando via,  
*As feras pelo monte procedendo,*  
As feras pelo monte prosedendo,  
*Como seu natural lhes permitia.*  
Como seu (monosyll.) natural gles permitia.

*De suas fontes via estar nacendo*  
 De su-as fontes via estar nasendo  
*Os saudosos rios de cristal,*  
 Os sa-udosos rios de cristal,  
*A sua natureza obedecendo.*  
 A su-a natureza obedesendo.  
*Assi só de seu proprio natural*  
 Assi só de (monosyll.) seu proprio (dissyll.) natural  
*Apartado se via em terra estranha,*  
 Apartado se via em terra estragna,  
*A cuja triste dor não acha igual:*  
 A cuja triste dor nau acha igual:  
*Só sua doce Musa o acompanha.*  
 Só su-a dose Musa o acompagna.

Mesmo que esta descrição do inventário grafofonético, anexada pelo autor às suas observações metalinguísticas sobre a língua portuguesa, fique bastante aquém de uma descrição completa e sistemática, não cabe dúvida de que nos proporciona algumas visões interessantes sobre a maneira como o jesuíta setecentista percebia o português.<sup>29</sup>

Do ponto de vista da aprendizagem do português por um público germanófono, as suas observações sobre o ditongo nasal [ẽw] parecem-nos especialmente elucidativas, já que o gramático bávaro oferece uma comparação das vogais nasais portuguesas com as do suábio, a variante linguística / língua minoritária ainda hoje falada em Württemberg, no sul da Alemanha.<sup>30</sup> Observa-se, em geral, que as observações e descrições do gramático se destinam a leitores de língua alemã, o que explica que o som [s] seja atribuído não somente aos grafemas <ç<sup>a,o,u</sup>, c<sup>e,i</sup>>, mas também ao grafema <z> (números 4, 5 e 18). Assim, a reprodução indiscriminada dos grafemas pertencentes à chiente sonora portuguesa, grafada <g<sup>e,i</sup>, j<sup>e,i</sup>>, e da surda <x> por <sch> (números 9, 11 e 17), que vai de encontro à grafia das chiantes portuguesas [ʃ] e [ʒ], não nos parece ser um re-

29 Com efeito, o subtítulo do apêndice correspondente das «Institutiones Hispanicae» permite a conclusão de que as regras grafofonéticas apresentadas por aquele apêndice somente vão até ao ponto em que as regras do espanhol divergem das do latim, cf. Weitenauer (1762a: 91): «Appendix De Pronuciacione Linguae Hispanicae quatenus a latina differt».

30 A mesma 'relação fonética' (certamente tão acidental como casual do ponto de vista linguístico) entre o português e o suábio foi considerada quase cem anos depois por Karl Moriz Rapp (1803-1883), filólogo e professor da Universidade de Tübingen, que inclusive traduziu sessenta sonetos portugueses para um dos dialetos do suábio! Para mais informações, cf. Koller (1992).

flexo do sistema consonântico português da altura, mas sim uma adaptação ao sistema fonológico do público-alvo da obra de Weitenauer.<sup>31</sup> Semelhantemente, a reprodução de [ʎ] e [ɲ] pelos dígrafos italianos <gl> e <gn> parece-nos uma adaptação desta natureza, já que Weitenauer podia mais facilmente partir do pressuposto de que estes fossem conhecidos do público interessado.

A observação de que o grafema <b> no português não se deveria pronunciar como [v] mas como [b] parece-nos indicar que Weitenauer se poderá ter baseado na pronúncia do mesmo nas regiões centro e sul de Portugal. Já a reivindicação de que o nexa gráfico <ch<sup>e,i</sup>> deveria ser pronunciado como [k] (e não como chiante [ʃ] como levaria a crer o exemplo escolhido no número 6), parece-nos, aqui, um erro semelhante à constatação de que o apelido Vieira tinha quatro sílabas, em vez de três.

Na transcrição dos primeiros 22 versos da IV. Elegia<sup>32</sup> de Luís de Camões, Weitenauer considera somente os 18 pontos por ele referidos e acrescenta ocasionalmente alguma informação sobre a pronúncia e informa sobre o número das sílabas, visando facilitar, assim, a leitura correta dos versos em questão. No entanto, não são tematizados os graus de abertura das vogais (especialmente de <e, o> em posição tónica ou átona), bem como o problema da pronúncia das fricativas <-s, -z> em final de palavra ou de sílaba.

## Conclusão

Pelo exposto, cremos não caber dúvida de que as «*Institutiones Lusitanicæ*» não constituem uma ‘gramática propriamente dita’, no sentido dos critérios estabelecidos por Schäfer-Prieß (2000: 1) para as gramáticas de português como L1. Perante a falta de trabalhos teorizadores nesta área, parece-nos lícito considerar, seguindo a caracterização oferecida por Kemmler (2007: 378) para as obras metagramaticais e metalinguísticas dedicadas ao português como L1, que as «*Institutiones Lusitanicæ*» possam ser encaradas como um ‘tratado linguístico de PLE’, pois falta-lhes a necessária sistematicidade para poderem ser consideradas como ‘gramática de PLE’ propriamente dita ou como ‘gramática híbrida de PLE’.

---

31 Embora pareça que no alto-alemão falado a sonorização (pelo menos de algumas) das fricativas surdas se vai impondo, a mesma tendência não se verifica (ou somente de forma muito menos acentuada) nas variantes linguísticas do sul da Alemanha (especialmente dentro do bávaro e do suábio).

32 Segundo a edição organizada por Hernâni Cidade (Camões 1985: 213), trata-se da quarta e não da terceira elegia de Camões.

Parece evidente que o próprio Weitenauer, pelo menos parcialmente, deverá ter recorrido a obras literárias portuguesas ou às respectivas traduções latinas. Para a parte lexicográfica, ter-se-á certamente baseado no *Thesouro* de Bento Pereira que, apesar de proibido pela reforma educativa do Marquês de Pombal, em 1759, ainda deveria ser o dicionário bilingue mais acessível e mais divulgado da época. Quanto à fonte das observações metalinguísticas, se bem que Kemmler (2002: 202) suspeitasse de que a *Ars grammaticæ pro lingua lusitana addiscenda Latino idiomate proponitur* (1672) poderia ser uma fonte provável para Weitenauer, a comparação de algumas descrições selecionadas leva-nos a constatar que não nos parece forçosa esta filiação ideológica, pelo que ficamos com a noção de que as observações metagramaticais e metalinguísticas se poderem dever ao esforço intelectual do próprio Ignaz Weitenauer.

O *Hexaglotton* de Weitenauer distingue-se de outras obras metalinguísticas contemporâneas pela sua natureza marcadamente poliglota, oferecendo uma descrição sucinta de todas as línguas descritas na metalinguagem escolhida: o latim. Em termos metodológicos, surgem em primeiro lugar as observações sobre as peculiaridades da gramática, segue-se uma parte lexicográfica L2-latim e exercícios de compreensão e de tradução de um texto em prosa e de outro texto lírico; a finalizar, surgem umas anotações sobre a pronúncia de alguns dos sons mais característicos, bem com um breve trecho com transcrição ‘fonética’.

Creemos que foi devido à observância consistente desta ordem que Weitenauer pode alcançar a sua meta de garantir uma compreensão de textos em várias línguas estrangeiras, concretamente da língua portuguesa, facilitando aos contemporâneos interessados uma aquisição de alguma competência linguística passiva básica dentro de um breve período de tempo – sendo evidente que a súpula de conhecimentos fornecidos pelas «*Institutiones Lusitanicæ*» certamente não poderia garantir um domínio ativo da língua que ultrapassasse a mera leitura.

Apesar disso, parece evidente que a atividade seletiva na descrição de várias línguas europeias modernas dificilmente fará com que Ignaz Weitenauer possa ser encarado como lusitanista, hispanista,<sup>33</sup> italianista ou galoromanista precoce. Mesmo assim, e concentrando-nos novamente no campo da lusitanis-

---

33 Como constata WIPPICH-ROHÁČKOVÁ (2000:83), O PRIMEIRO MANUAL DE ESPANHOL PARA GERMANÓFONOS DATA DE 1614. ATÉ 1723, A INVESTIGADORA CHEGOU A EXAMINAR NADA MENOS DO QUE DEZ MANUAIS METALINGUÍSTICOS DE ESPANHOL COMO L2.

tica, o gramático deverá indubitavelmente ser considerado como um precursor dos autores de obras que se viriam a ocupar de temas lusitanísticos em tempos posteriores.<sup>34</sup>

Pelo que se sabe, o *Hexaglotton* latino-alemão é com toda a probabilidade a mais antiga descrição detalhada da língua portuguesa para um público germanófono, cabendo-lhe, por isso, um valor especial dentro dos estudos sobre os começos da lusofilia em lusofonia na Alemanha. Assim, no que respeita ao português, parece-nos óbvio que o mérito da sua obra reside no facto de ter facultado o acesso a textos a pessoas que antes não dispunham de quaisquer obras metalinguísticas que pudessem possibilitar a aprendizagem da língua portuguesa.

No que respeita, enfim, às suas observações grafofónicas, consideramos interessante como um filólogo alemão de meados do século XVIII estimava como deveria ser a pronúncia de um texto português. O resultado não deixa de ser impressionante, já que, afinal, ainda hoje não ouvimos outras realizações fonéticas da boca dos principiantes germanófonos na língua portuguesa, simplesmente porque muitos dos sons do português não são próprios do alemão.

## Referências bibliográficas

- ALVAR EZQUERRA, Manuel: «Los manuales de Ignaz Weitenauer», em: *REALE: Revista de estudios de adquisición de la lengua española* 1 (1994), págs. 9-14.
- ANDRANGO Asmal, Pablo Mauricio / Gualotuña Hidalgo, Liza Mariela (2007): «Incidence of grammar translation method in English Language learning in sixth and seventh elementary school students at Salle High School», dissertação, Army Polytechnic School, Department Of Languages, Applied Linguistics In English Program, em: <http://repositorio.espe.edu.ec/bitstream/21000/4830/1/T-ESPE-I-032910.pdf> (última consulta: DATA).
- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1725): *REGRAS da lingua / PORTUGUEZA, / ESPELHO DA LINGUA / LATINA, / Ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas / regras da Portugueza, / DEDICADA / AO PRINCIPE / DE PORTUGAL / Nosso Senhor; / PELO PADRE / DOM JERONYMO / Contador de Argote, Clerigo Regular, e Academico / da Academia Real da Historia Portugueza. / Muyto acrescentada, e correcta. / Segunda impressãõ. // LISBOA OCCIDENTAL, / NA OFFICINA DA MUSICA, / M. DCC. XXV. / Com todas as licenças necessarias.*

---

34 Infelizmente não se sabe nada sobre quaisquer pessoas que basearam os seus estudos linguísticos no *Hexaglotton*.



- BAADER, Clemens Alois (1824): *Lexicon verstorbener baierischer Schriftsteller des achtzehnten und neunzehnten Jahrhunderts: Des Ersten Bandes Zweiter Theil, M-Z*, Augsburg; Leipzig: In der Jenisch- und Stage'schen Buchhandlung.
- BACKER, Augustin de / Backer, Aloys de / Sommervogel, Carlos (1890-1916): *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus: Première Partie: Bibliographie*, 9 vols. Bruxelles; Paris: Oscar Schepens; Alphonse Picard. CD-ROM. Paris: LACF éditions (ISBN 9-782-354-9800-2-3), 2011.
- CAMÕES, Luís [Vaz] de (<sup>4</sup>1985): *Obras Completas: Volume II, Géneros Líricos Maiores*, Com prefácio e notas do Prof. Hernâni CIDADE, Lisboa: Livraria Sá da Costa (Coleção de Clássicos Sá da Costa).
- CARDOSO, Jerónimo (<sup>2</sup>1570): *DICTIONARIVM / LATINOLVSITANICVM / & vice versa Lusitanico latinũ, cum adagiorum / ferè omnium iuxta seriem alphabeticam, perutili / expositione: Ecclesiasticorum etiam vocabulorum / interpretatione. Item de monetis, ponderibus, & / mensuris, ad præsentem vsum accommodatis. / Nouè omnia per Hieronymũ Cardosum / Lusitanum congesta. / RECOGNITA VERO OMNIA PER SEBAST. / Stokhamerum Germanum. Qui libellum etiam de proprijs nominibus / regionũ, populorum, illustrium virorum, fluuiorum, montium, ac aliorum / complurium nominum & rerum scitu dignarum, historijs & fabulis / poëticis refertum, in vsum & gratiam Lusitanicæ pubis concinnauit & ex integrò adiecit. / Cũ sanctæ Inquisitionis Magistratus approbatione. // Excussit Ioan. Barrerius Conimbricæ. 12. kal. Iulij 1570. / Com priuilegio Real. Em papel taxado a rs.*
- FERNANDES, Gonçalo (2009): «A Primeira Gramática do Português como Língua Estrangeira (Lugduni 1672)», em: Bastardín Candón, Teresa / Rivas Zancarrón, Manuel / García Martín, José María (eds.) (2009): *Estudios de Historiografía Lingüística*, Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, págs. 205-220.
- GIER, Helmut / Janota, Johannes (1997) *Augsburger Buchdruck und Verlagswesen: von den Anfängen bis zur Gegenwart*, Wiesbaden: Otto Harrassowitz Verlag.
- GONÇALVES, Maria Filomena (2014): «La gramática políglota: un eslabón en las gramaticografías portuguesa y española», em: Calero Vaquera, María Luisa / Zamorano, Alfonso / Perea, Francisco Javier / García Manga, María del Carmen / Martínez-Atienza, María (eds.) (2014): *Métodos y resultados actuales en Historiografía de la Lingüística*, volume I, Münster: Nodus Publikationen, págs. 302-314.
- JAHREISS, Astrid (1990): *Grammatiken und Orthographielehren aus dem Jesuitenorden: Eine Untersuchung zur Normierung der deutschen Schrifts-*

- prache in Unterrichtswerken des 18. Jahrhunderts*, Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag (Germanische Bibliothek; 3. Reihe: Untersuchungen). [Junk, Johann Andreas von] (1778): *Portugiesische Grammatik. / Nebst einigen Nachrichten von der portugiesischen / Literatur, und von Büchern, die über Portugall / geschrieben sind.* // Frankfurt an der Oder, / bei Carl Gottlieb Strauß. / 1778.
- KEMMLER, Rolf (2001): «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911», in *Lusorama* 47-48 (Outubro), págs. 128-319.
- KEMMLER, Rolf (2002): «Das Hexaglotton (1762) von Ignaz Weitenauer: die erste Beschreibung der portugiesischen Sprache in Deutschland?», em: Große, Sybille / Schönberger, Axel (Hrsg.) (2002): *Ex oriente lux: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 60. Geburtstag*, Frankfurt am Main: Valentia, págs. 257-275.
- KEMMLER, Rolf (2007): *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea (Beihefte zu *Lusorama*; 1. Reihe, 12. Band).
- KOLLER, Erwin (1992): *Karl Moritz RAPP: Sechzig portugiesische Sonette in oberschwäbischer Übersetzung (Synoptische Ausgabe)*, Frankfurt am Main: TFM (Verlag Teo Ferrer de Mesquita) / Domus Editoria Europaea, (Verlag Axel Schönberger).
- LEAL, Maria Auxiliadora da Fonseca (1992): «Complementos preposicionados no sintagma verbal do português: uma abordagem sincrônica e diacrônica», Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais.
- MACHADO, José Pedro (1995): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*, 5 Bände, Lisboa: Livros Horizonte.
- MARTINS, Maria Teresa Hundertmark-Santos (1982): *Portugiesische Grammatik*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- MELDOLA, Abraham (1785): *NOVA / GRAMMATICA / PORTUGUEZA / dividida / em VI Partes / a saber: / 1 Orthographia. / 2 Etymologia. / 3 Syntaxe. / 4 Prosodia com Supplemento / 5 Lavoros da Lingoa. / 6 Miscellanea / Composta por / Abraham Meldola, / Notario, & Traductor, Cæsareo, Publico, Jurado.* // Impreso na Officina de M. C. Bock, a custas do autor, / em Hamburgo 1785. // *Neue / Portugiesische Grammatik / in sechs Theilen / als: / 1 Rechtschreibung. / 2 Wortforschung. / 3 Wortfügung. / 4 Tonmessung und Anhang. / 5 Sprachübungen. / 6 Miscellanie. / von / Abraham Meldola, /*

*öffentlicher und geschworne Kayserl. Notarius und Translator. / Auf Kosten des Verfassers gedruckt bey M. C. Bock. / Hamburg 1785.*

PEREIRA, Bento (1672): *ARS / GRAMMATICÆ / PRO LINGVA / LVSITANA / ADDISCENDA LATINO / IDIOMATE PROPONITUR, / IN HOC LIBELLO, VELUT IN QUÆDAM ACADEMIOLA DIUISA IN / QUINQUE CLASSES, INSTRUCTAS SUBSELLIIS, RECTO ORDINE / DISPERTITIS, VT AB OMNIBUS TUM DOMESTICIS, / TUM EXTERIS FREQUENTARI POSSINT. / AD FINEM PONITUR ORTOGRAPHIA, ARS RECTÈ SCRIBENDI, / VT SICUT PRIOR DOCET RECTÈ LOQUI, ITA POSTERIOR / DOCEAT RECTÈ SCRIBERE LINGUAM LUSITANAM. / IN GRATIAM ITALORUM CONIUGATIONIBUS LUSITANIS ITALÆ / CORRESPONDENT. / AUTHORE P. DOCT. BENEDICTO PEREIRA, SOCIET. / Iesv, PORTUGALLENSI BORBANO, IN SUPREMO LUSITANÆ / S. INQUISITIONIS TRIBUNALI CENSORIO QUALIFICATORE, / & MODÒ ROMÆ PRO ASSISTENTIA LUSITANA / REVISORE. // LVGDVNI, / SUMPTIBUS Lavrentii Anisson. / M. DC. LXXII. / SUPERIORUM PERMISSU.*

PEREIRA, Bento (1723): *PROSODIA / IN / VOCABULARIUM / BILINGUE, / LATINUM ET LUSITANUM, / digesta, / IN QUA DICTIONUM SIGNIFICATIO, ET SYLLABARUM / QUANTITAS EXPENDITUR, / OPUS OMNINO NECESSARIUM PROFESSORIBUS SACRARUM, / Et Humaniorum Literarum, Medicis, Juristis, & omnibus cujuscumque facultatis Studiosis; tum / propter innumeras dictiones, quas à Sacris, & profanis Auctoribus decerptas expo- / nit; tum propter recondita carmina omnium Veterum Poëtarum, & Recentiorum / clari nominis, quos omnes Auctor ad expendendas syllabas perlegit. / AUCTORE / DOCTORE P. BENEDICTO PEREYRA Societ. JESU, / Portugallensi, Borbano, in Eborensi Academiâ Primario / olim Rhetorices Professore, & tandem in eâdem / Academiâ págs. Theologiae Professore Primario. / NONA EDITIO / AUCTION, ET LOCUPLETIOR / AB ACADEMIA EBORENSI. / Prodit opus in hac nova editione innumeris propemodum erroribus / purgatum, pene incredibile vocabulorum, quae desiderabantur, nu- / mero auctum: è quibus sunt superaddita viginti circiter quatuor / millia, à plusquam tercentis Auctoribus hûc translata, quorum no- / mina in catalogo infra conscripta offendepágs. Omnia quoad fieri po- / tuit, & Lusitano idiomate. & quantitate, & Auctoritate donan- / tur. Quae asterisco \* notantur, cautè usurpanda; vel enim au- / ctore destituuntur; vel non temerè sunt aemulanda, / cùm à communi usu abhorreant. // EBORAE, / Cum facultate Superiorum: ex Typographia Academiae. / Anno Domini M. DCC. XXIII.*

PONCE DE LEÓN ROMEO, Rogelio (2008): «Gramaticografía portuguesa en la España ilustrada: breves consideraciones sobre el *Acento y artificio*

- gramatical de la lengua portuguesa* (1795) de Lorenzo Hervás y Panduro», em: *Península: Revista de Estudos Ibéricos* 5, págs. 55-64.
- PÖRNBACHER, Hans (2011): Weitenauer, Ignaz Frhr. von», em: Kühlmann, Wilhelm (Hrsg.) (2011): *Killy Literaturlexikon: Autoren und Werke des deutschsprachigen Kulturraumes*, Band 12: Vo-Z, Berlin, New York: Walter de Gruyter, pág. 267.
- REUSCH, [Franz Heinrich] (1896): «Weitenauer, Ignaz», em: *Allgemeine Deutsche Biographie* 41 (Walram-Wertmüller), pág. 622.
- SCHÄFER-PRIESS, Barbara (2000): *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; 300).
- SCHÄFER-PRIESS, Barbara (2003): «O acusativo preposicional na história da língua portuguesa», em: Head, Brian / Teixeira, José / Lemos, Aida Sampaio / Barros, Anabela Leal de / Pereira, António (eds.): *História da Língua e História da Gramática: Actas do Encontro*, Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos (Coleção Poliedro; 11), págs. 405-419.
- SCHÄFER-PRIESS, Barbara / Schöntag, Roger (2012): *Spanisch / Portugiesisch kontrastiv*, Berlin; New York: Walter de Gruyter (Romanistische Arbeitshefte; 56).
- SCHMIDT, CHRISTOPH (1998): «WEITENAUER, IGNAZ VON», in *Biographisch-Bibliographisches Kirchenlexikon*, Verlag Traugott Bautz (Band XIII), cols. 697-699.
- SCOTTI-ROSIN, Michael (1996a): «Frühe Lusophilie? Die Anfänge der deutschen Lusitanistik», in *Lusorama* 29 (März 1996), págs. 5-19.
- SCOTTI-ROSIN, Michael (1996b): «Frühe Lusophilie? Die Anfänge der deutschen Lusitanistik», in ENDRUSCHAT, Annette / GÄRTNER, Eberhard (Hrsg.) (1996): *Untersuchungen zur portugiesischen Sprache: Beiträge zum Deutschen Lusitanistentag 1995*, Frankfurt am Main: TFM / Domus Editoria Europaea (Beihefte zu *Lusorama*; 1. Reihe, 7. Band), págs. 13-28.
- SIERRA SORIANO, Ascensión (2010): «La lexicographie bilingue français-espagnol: tradition et modernité», em: *Quaderns de Filologia: Estudis linguistics* 15, págs. 219-235.
- VIEIRA, António (1682, II): *SERMOENS / DO / P. ANTONIO VIEIRA. / DA COMPANHIA DE JESU, / Prégador de Sua Alteza. / SEGVNDA PARTE. / DEDICADA / No Panegyrico da Rainha Santa / AO SERENISSIMO NOME / DA PRINCEZA N.*

- S. / D. ISABEL. // EM LISBOA. / Na Officina de MIGUEL DESLANDES, / E à sua custa, & de Antonio Leyte Pereyra Mercador de Livros. / M. DC. LXXXII. / Com todas as licenças, & Privilegio Real.*
- VIEIRA, António (1707, II): *ADMODVM REVERENDI PATRIS / ANTONII VIEIRA / E Societate JESU, Regii in Lusitania Prædicatoris, / SERMONES / Selectissimi, Fœcunditate Materiarum, / Sublimitate, Subtilitate, & raritate Conceptuum / admirabiles; / Idiomate Lusitanice conscripti & variis Typis evulgati, / Nunc in Cartusia Coloniensi latinitate donati / Cum triplici Indice, Thematum, Locorum Sacrae Sripturae, / & rerum memorabilium. / PARS SECUNDA // Coloniae Agrippinae, / Sumptibus HERMANNI DEMEN. MDCCVII. / Cum Privilegio S. Cæsareæ Majestatis.*
- WAGENER, Johann Daniel (1800, I): *Portugiesische / Sprachlehre. / Nebst / Uebungen / zu / Anwendungen der Grundsätze, / der / Wortfügung und Schreibart / dieser Sprache, / von / Johann Daniel Wagener, / d. W. W. D. // Hamburg, / bei Gottfried Vollmer. 1800.*
- WAGENER, Johann Daniel (1802, II): *Johann Daniel Wagens / Uebungen / in der / portugiesischen Sprache / mit / unterlegter / Phraseologie / als / zweyter Theil / der / portugiesischen Sprachlehre. // Mainz und Hamburg, / bey Gottfried Vollmer. / 1802.*
- WEITENAUER, Ignaz (1756): *MODUS ADDISCENDI / INTRA / BREVISSIMUM TEMPUS / LINGUAS, / GALLICAM, ITALICAM, / HISPANICAM, / GRÆCAM, HEBRAICAM, / ET / CHALDAICAM, / UT OPE LEXICI LIBROS EXPLICARE QUEAS. / AUCTORE / IGNATIO WEITENAUER S. J. / Linguarum Hebraicæ & Græcæ In Alma Leopoldina / Oeniponti Professore Regio. / CUM APPROBATIONE. // Francofurti ad Mœnum, / APUD FRANCISCUM VARRENTRAP. / MD CC LVI.*
- WEITENAUER, Ignaz (1758): *LEXICON / BIBLICUM, / IN QUO EXPLICANTUR / VULGATÆ / VOCABULA ET PHRASES, / QUÆCUNQUE PROPTER LINGUÆ HEBRAICÆ / GRÆCÆQUE PEREGRINATEM / INJICERE MORAM LEGENTI POSSUNT / Ad usum eorum omnium, qui absque magnorum / voluminum ambagibus Divinæ Scripturæ Textum / & Contextum intellegere & verbum DEI solide populo / ACCEDUNT / SUMMARIA / CAPITUM OMNIUM TOTIUS CODICIS / DIVINI. / AUCTORE / IGNATIO WEITENAUER S. J. / Ling. Hebr. & Græcæ in Alma Leop. Oenip. Prof. P. O. / Cum Licentia & Priv. Cæsareo. // Augustæ Vindelicorum & Friburgi Brisgojæ. / Sumptibus Fratrum Ignatii & Antonii Wagner. 1758.*
- WEITENAUER, Ignaz (1762a): *HEXAGLOTTON / GEMINUM, / Docens Linguas, / GALLICAM, ITALICAM, HISPANICAM, / GRÆCAM, HEBRAICAM,*

- CHALDAICAM, / ANGLICAM, GERMANICAM, BELGICAM, / LATINAM, LUSITANICAM, SYRIACAM: / ut intra brevissimum tempus ope Lexici omnia / explicare discas. / Accessit ubique Appendix / De Pronunciatione harum XII Linguarum. / AUCTORE / IGNATIO WEITENAUER, S. J. / Ling. Hebr. & Graec. in Alma Leopoldina Oeniponti / P. P. O. / Cum Approbatione. // AUGUSTÆ VIND. & FRIBURG. BRISG. / Sumptibus Fratrum WAGNER, Bibliopol. / MDCCLXII.*
- WEITENAUER, Ignaz (1762b): *HEXAGLOTTON / ALTERUM, / Docens Linguas, / ANGLICAM, GERMANICAM, BELGI- / CAM, LATINAM, LUSITANICAM, / ET / SYRIACAM, / UT INTRA BREVISSIMUM TEMPUS OPE LEXICI / LIBROS EXPLICARE DISCAS. / AUCTORE / IGNATIO WEITENAUER S. J. / LINGUARUM HEBRAICÆ ET GRÆCÆ IN ALMA / LEOPOLDINA OENIPONTI PROFESSORE. / Cum Approbatione & Privil. Cæsareo. // AUGUSTÆ VINDEL. ET FRIBURG. BRISG. / Sumptibus Fratrum WAGNER, Bibliopolarum / MDCCLXII.*
- WEITENAUER, Ignaz (1764): *Zweifel / von der / deutschen / Sprache, / vorgetragen, aufgelöset, oder andern / aufzulösen überlassen; / sammt einem / orthographischen Lexikon. / Durch Ignaz Weitenauer d. G. J. / Mit Erlaubniss der Obern. // Augsburg und Freyburg im Breisgau, / In Verlag der Gebruder Wagner. / 1764.*
- WEITENAUER, Ignaz (1776): *HEXAGLOTTON / GEMINUM, / DOCENS LINGUAS, / GALLICAM, ITALICAM, HISPANICAM, / GRÆCAM, HEBRAICAM, CHALDAICAM, / ANGLICAM, GERMANICAM, BELGICAM, / LATINAM, LUSITANICAM, SYRIACAM: / ut intra brevissimum tempus, ope Lexici, omnia / explicare discas. / Accessit ubique Appendix / De Pronunciatione harum XII Linguarum. / AUCTORE / IGNATIO WEITENAUER. / EDITIO ALTERA. / Cum Approbatione. // AUGUSTÆ VIND. & FRIBURG. BRISG. / Sumptibus Fratrum WAGNER, Bibliopol. MDCCLXXVI.*
- WIPPICH-ROHÁČKOVÁ, Katrin (2000): «Der Spanisch Liebende Hochdeutscher»: Spanischgrammatiken in Deutschland im 17. und frühen 18. Jahrhundert, Hamburg: Helmut Buske Verlag (Romanistik in Geschichte und Gegenwart, Beiheft 2).

Recebido em 23 de julho de 2015.

Aceito em 9 de setembro de 2015.